

OPINIÃO

Brasil.com.br, que país é esse?

DIEGO IVO *

Os indicadores com o balanço da economia brasileira em 2014, divulgados recentemente pelos órgãos oficiais, mesmo com um desempenho irrisório dos principais setores, praticamente têm passado despercebidos por governos, empresas, analistas de mercado e lideranças. Talvez porque não haja nenhuma novidade, já que a redução do nível de crescimento do país foi amplamente profetizada ao longo do ano.

Os números apresentados, embora trágicos sob o ponto de vista de emprego e renda, parecem não ter realmente chamado a atenção. Talvez haja uma certa passividade diante do óbvio ululante. Ou talvez porque o país ainda viva o modo paralisante do fanatismo da falta d'água, do aumento das tarifas de energia ou dos escândalos diários de corrupção das estatais.

Mesmo que não tenha tanto apelo quanto essas crises atuais, nunca é demais lembrar o fato de que a indústria apresentou retração de 3,1% em 2014, segundo o IBCE, considerado o pior resultado desde 2009. O comércio também sofreu queda no desempenho. De acordo com o Serasa Experian, o movimento dos consumidores nas lojas em 2014 cresceu apenas 3,7% em relação ao ano de 2013. Foi o menor ritmo de crescimento da atividade varejista em 11 anos.

Inclua nessa conta as elevações nas taxas de juros no mercado doméstico, a alta da inflação, verificada principalmente nos primeiros meses do ano, e o nível de endividamento dos consumidores, que preferiram sair da inadimplência em vez de assumir novos investimentos.

Há, porém, um segmento da economia que tem

se destacado não só pelo seu crescimento, mas também pelo nível de inovação e empreendedorismo. Na contramão dos indicadores oficiais, o comércio eletrônico cresce a uma taxa de 25% ao ano. As empresas ligadas ao *e-commerce* nacional talvez sejam as únicas com motivos para comemorar. O setor faturou R\$ 43 bilhões em 2014 e apresentou um crescimento de 26% em relação ao período anterior, quando o volume de negócios atingiu cerca de R\$ 34 bilhões.

Segundo nossas análises, a estimativa é que o comércio eletrônico tenha gerado mais de 136 milhões de pedidos no último ano, com um valor médio por compra de R\$ 316. Um dos fatores de sucesso foi o bom desempenho apresentado nas datas comemorativas. Somente na Black Friday, por exemplo, o *e-commerce* ultrapassou a marca de R\$ 1 bilhão em uma única data, grande recorde do setor.

As cinco categorias de mercado que mais geraram negócios pela internet foram viagens e turismo, com 15% das vendas do comércio eletrônico. Os eletrodomésticos responderam por 14%, seguido por produtos de informática (11%), cosméticos, perfumaria e bem-estar (10%) e eletrônicos (10%). Já os cinco Estados que mais realizaram compras online, respectivamente, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná.

Só o Estado de São Paulo é responsável por 50% do total de pedidos e responde por 45% da movimentação financeira nos sites de comércio eletrônico, um montante estimado em cerca de R\$ 19,3 bi. Os fluminenses compraram pouco mais de R\$ 6,2 bi e os mineiros, R\$ 4,1 bi. Somados, os três estados

mais habituados a compras *online* representaram 69% das vendas.

Se o consumidor escolheu com bastante cuidado o que fazer com o pouco recurso que teve para adquirir bens e produtos, certamente foi pela internet que as transações ocorreram com mais interatividade e crescimento em 2014, o que demonstra, ao contrário do que se costuma dizer sobre esse tipo de negócio, um alto grau de confiança no comércio eletrônico.

O país vive um momento de muita maturidade no comércio eletrônico. De um lado há o varejista que tem investido pesado em segurança, tecnologia e logística, a fim de garantir a melhor experiência de compra para os clientes. E, de outro, há o consumidor que hoje enxerga as vantagens de comprar pela internet, como comodidade, acesso a produtos e serviços não disponíveis em sua região, além de preços mais acessíveis. Um cenário digno das economias mais fortes do mundo.

As projeções do varejo eletrônico para 2015 são bastante animadoras, ao contrário do que se espera para a economia como um todo. O Banco Central prevê inflação acima de 7% e já reduziu o índice de crescimento do PIB de 0,13% para 0,03%. Mas o comércio eletrônico trabalha com a perspectiva de um incremento de 30% na receita e as lojas virtuais esperam vender algo em torno de R\$ 56 bilhões.

Há dez anos, quem diria que o Brasil.com.br em vez de uma "marolinha" seria um dos segmentos mais sólidos e crescentes da economia?

* CEO da consultoria Conversion

Considerações rápidas e rasteiras (III)

CESAR VANUCCI *

"Logo dominaremos toda a África e entraremos em Roma." (Declaração recente, em vídeo, do "Califado do Terror")

Perguntas que não calam — Os fanáticos do Isis, o califado do terror que opera em áreas da Síria, Iraque e Líbia, e seus aliados na Nigéria, Iêmen e Somália possuem uma máquina de guerra poderosa, provida de equipamentos bem sofisticados. Baterias de mísseis, tanques, peças de artilharia, há quem admita até caças. Contam com suprimento inesgotável de munição e, obviamente, com estoques de peças de reposição, além de avançados aparelhos de comunicação, imprescindíveis nas trelouçadas ações empreendidas.

O mundo inteiro sabe perfeitamente que material desse tipo não é produzido nas áreas por eles dominadas. De onde, então, esse material provém? Não constitui, definitivamente, tarefa impossível identificar com exatidão o local ou locais onde tudo é fabricado. Como também ficar sabendo quais são as rotas utilizadas, bem como os respectivos meios de transporte, entre os pontos de embarque e os de destino.

Outra coisa intrigante: de onde sai a nota preta aplicada nas aquisições? Como se processam, afinal de contas, as operações financeiras nesses incrementos sequenciais de compra e venda? Conventamos, não deve ser missão exageradamente complexa assim encontrar respostas adequadas para essas indagações, de modo a que possam ser estabelecidos, com base nos levantamentos de dados, métodos mais eficazes de enfrentamento a esses semeadores do ódio e da barbárie.

Uma indagação derradeira, desassossegante: que interesses misteriosos e clandestinos, inacessíveis ao conhecimento das pessoas comuns, impedem os bem adestrados serviços de inteligência das grandes potências de colocar em pratos limpos, esmucadamente, todas as sinistras conexões dessa formidável engrenagem?

O tom certo do Carnaval — E não é que as ruas acabaram dando o tom certo, o tom perfeito do Carnaval? A alegria espontânea e contaminante, conduzida

por blocos, cordões e foliões soltos, deu vida nova a uma comemoração entranhada na alma popular brasileira. Uma celebração, falar verdade, em condições de competir com o futebol como expressão cultural genuína. Tomando-se Belo Horizonte como exemplo, o que se viu foi uma explosão festiva de sons, luzes e cores, animação sem igual, ornamentada por majestosa presença familiar. Deu pra perceber que se tratava das multidões que costumavam frequentar estádios de futebol, sobretudo o Mineirão, e que deles foram sendo paulatinamente escuraçadas por conta das violentas "torcidas" ditas "organizadas". O povo tomou, de repente, a decisão de recuar pra praças no período mimoso, para usufruir as comemorações, consciente de que elas, as praças, como no dizer lírico de Castro Alves, lhe pertencem como o céu pertence ao condor.

Esses criativos carnavalescos! — E por falar em Carnaval, mas que beleza (hein?) os desfiles das Escolas de Samba do Rio e de São Paulo! Contemplando aquele bombardeio sensorial todo, aquele desbordamento tonitruante de talento, criatividade e ritmo, na composição de um show que, sem exagero, merece ser apontado como "o maior espetáculo da Terra", lamentamos, outra vez mais, a infeliz decisão dos organizadores da Copa Mundial de Futebol ao esbarrarem nossos carnavalescos por ocasião da contratação da equipe responsável pela montagem da iníscua festa de abertura da grandiosa competição esportiva.

Auxílio-moradia — A opinião pública não vê, obviamente, com bons olhos a concessão de auxílio-moradia a agentes públicos. Considera que a medida fere flagrantemente princípios republicanos.

Mas, de outro lado, não entende a razão pela qual boa parte da mídia, ao condenar justificadamente a outorga do privilégio a parlamentares, omita a circunstância de que, além deles, magistrados e membros do Ministério Público também são favorecidos com a mesma vantagem remuneratória.

* Jornalista (cantoniuss1@yahoo.com.br)

Reflexões sobre nosso lixo

JOSÉ EDUARDO DANTES LODI *

Você já parou para pensar na quantidade de lixo que produz diariamente e quais os seus impactos no meio ambiente? Pode parecer uma questão complexa, mas o fato é que, aos realizarmos uma simples compra no supermercado, levamos para casa muito mais do que alimentos, bebidas ou artigos de limpeza. Compramos, também, aquilo que futuramente irá para as nossas lixeiras. São embalagens plásticas, de papel ou metálicas, restos de comida ou mesmo produtos eletrônicos, como celulares, que se tornam obsoletos com uma velocidade cada vez mais assustadora. Diante disso, se torna pertinente (e urgente) a reflexão em torno dos efeitos da produção de resíduos em larga escala no planeta. Será que conseguimos de fato enxergar a real dimensão do problema? Quem responde por todo esse quadro e nas mãos de quem está a mudança?

É papel de toda a sociedade a tomada de consciência a respeito do lixo que produzimos todos os dias. Fabricamos detritos a todo instante e uma prova disso são os dados da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe), que revelam que cada brasileiro produz, em média, 379 quilos de lixo por ano, valor que, se multiplicado pela população do país, passa de 76 milhões de toneladas em 12 meses. Os núme-

ros assustam e levantam questões em torno do que tem sido feito para se criar práticas mais sustentáveis de consumo e de destinação dos resíduos.

O primeiro passo para refletirmos sobre o quanto temos contribuído para a produção de lixo no mundo é olhar para as nossas lixeiras. Pode parecer estranho, mas faz todo sentido. Se procurarmos no meio daquele volume de coisas que consideramos inutilizáveis, perceberemos uma infinidade de produtos plásticos, com excesso de embalagens e até itens que exigem um descarte específico, como aparelhos eletrônicos. Todavia, essa falta de percepção e conhecimento do próprio lixo que geramos e dos seus impactos no mundo é um reflexo da cultura do consumo: apenas nos preocupamos com o que compramos e não nos interessa saber como esse produto chegou às nossas mãos e muito menos qual será o seu destino quando ele se tornar descartável.

Um relatório da Abrelpe revelou que, de 2012 para 2013, o Brasil teve o maior crescimento na geração de resíduos diários na última década, produzindo 209,208 toneladas de lixo por dia, o que representa 4,1% a mais em relação à passagem de 2011 para 2012, quando o número chegou a 201,058 toneladas. Somado a esse grande contingente de detritos existe o problema da coleta seletiva, que

ainda está longe de se tornar uma prática efetiva de toda a sociedade.

No entanto, algumas ações em relação ao descarte adequado de resíduos têm ganhado força nos dias de hoje, em que o discurso sustentável se reverbera em todo o planeta. No Brasil existem legislações que regulamentam práticas que são realidade em empresas de diversos segmentos, como as construtoras, que, atualmente, realizam a segregação adequada de plástico, metal, madeira, gesso e também reutilizam parte desses materiais nas obras, além de comercializar e doar aquilo que sobra da construção.

E quanto ao papel de cada cidadão? Pouco se sabe, mas aquela garrafa PET que alguém jogou em um córrego há 20 anos ainda pode estar no mesmo lugar, pois o plástico demora 100 anos para se decompor na natureza. Da mesma forma acontece com as fraldas descartáveis, que duram 450 anos; ou mesmo um vidro, que possui um tempo de decomposição indeterminado. Diante disso, como forma de buscar um autoconhecimento, que tal ir à sua lixeira e começar a pensar no que você consome e na herança que tem deixado para o mundo?

* Diretor de Engenharia da CSul Desenvolvimento Urbano